

Política dos EUA favorece Brasil

O vice-presidente do Unibanco, Marçilio Marques Moreira, acha que a decisão do Governo dos Estados Unidos de abrir mão da defesa do dólar, permitindo gradual desvalorização da moeda, deverá favorecer as exportações brasileiras para Europa e Japão, pois por serem vinculadas à moeda norte-americana, tornar-se-ão mais competitivas. Além disso, a decisão deverá frear a onda protecionista, já que a desvalorização poderá representar uma tarifa de cerca de 30% para os produtos importados da área não dólar, explicou.

Marques Moreira, que hoje viaja para os Estados Unidos onde participará de seminários, fará palestras e visitará os principais bancos credores do Brasil, informou que houve na Europa e em Nova Iorque, de acordo com contatos telefônicos que fez, uma certa dificuldade de interpretar a profundidade e extensão da reunião, dado o comunicado final ter sido muito hermético.

Juros caem

Disse que se percebe a nítida vontade dos EUA de abrir mão da defesa do

dólar, em função de déficits comerciais crescentes e também da onda de protecionismo, que resulta do desequilíbrio comercial e dos prejuízos econômicos sofridos pela economia americana. Explorou Marçilio Marques Moreira que a demanda global cresce 5% ao ano nos Estados Unidos enquanto a oferta de produtos cresce abaixo de 2%. A diferença é suprida por importações, prejudicando o comércio americano de bens intercambiáveis de exportação.

O objetivo é bem claro, disse, e se prende ao desejo de estancar o déficit comercial crescente e o protecionismo. Marçilio Marques Moreira está convencido que a desvalorização do dólar ocorrerá de fato (já teve uma queda de 15% de janeiro para cá), totalizando no ano cerca de 30% em relação a uma cesta de moedas.

O vice-presidente do Unibanco acha que haverá, em consequência, uma queda nas taxas de juros, já que não faria sentido realizar uma desvalorização do dólar, mas manter alta as taxas de juros. E isso certamente diminuirá os encargos da dívida externa brasileira.

O presidente da Associação Nacional dos Bancos de Investimentos (ANBID), Ronaldo César Coelho, garantiu ontem, em São Paulo, que os bancos credores do país já "estão preparados para aceitar uma renegociação da dívida externa em bases políticas". Os banqueiros já se conscientizaram de que o pagamento da dívida deve ser condicionado à performance da economia do país devedor".

Os critérios para a amortização da dívida externa dos países em desenvolvimento passa necessariamente pela sua capacidade de propiciar o desenvolvimento. A sua capacidade para pagar a dívida deriva diretamente de sua eficácia em se desenvolver — comentou César Coelho.

Por isso, o banqueiro considerou correta a postura assumida ontem pelo Presidente Sarney, em seu discurso de abertura da 40ª Assembléia Geral da ONU, em Nova Iorque, de que a questão da dívida dos países do Terceiro Mundo não deve ser encarada do ponto de vista estritamente econômico. Para César Coelho, a dívida não pode ser paga à custa da recessão interna.